G20, G7 e OCDE

G20, el G7 y la OCDE

G20, G7, and OECD

Pedro Burger, Vitória Kavanami, João Miguel Estephanio, Thaiany Medeiros Cury e Nina Bouqvar

Encontro de Finanças do G20: Pressões Geopolíticas, Desequilíbrios Globais e Conflitos com a Imprensa

Reunión de Finanzas del G20: presiones geopolíticas, desequilibrios globales y conflictos con la prensa

G20 Finance Meeting: Geopolitical Pressures, Global Imbalances, and Disputes with the Press

Resumo: O presente informe analisa os desdobramentos da reunião de ministros das finanças e governadores de bancos centrais do G20 em Asheville. O texto discute a tentativa norte-americana de reorientar a agenda do bloco em meio a pressões geopolíticas ligadas ao Irã, instabilidades fiscais domésticas e atritos tarifários, destacando a ofensiva de Washington contra o superávit comercial chinês. Examina-se ainda a repercussão das restrições de credenciamento impostas à imprensa durante o evento, inseridas em um quadro mais amplo de tensões com os veículos de comunicação e de opacidade na gestão do fórum.

Palavras-chave: G20; EUA.

Resumen: *El presente informe analiza las repercusiones de la reunión de ministros de finanzas y gobernadores de bancos centrales del G20 celebrada en Asheville. El texto aborda el intento de Estados Unidos de reorientar la agenda del bloque en medio de presiones geopolíticas relacionadas con Irán, inestabilidades fiscales internas y conflictos arancelarios, y destaca la ofensiva de Washington contra el superávit comercial de China. También se examinan las repercusiones de las restricciones de acreditación impuestas a la prensa durante el evento, que se inscriben en un contexto más amplio de tensiones con los medios de comunicación y de opacidad en la gestión del foro.*

Palabras clave: *G20; EE. UU..*

Abstract: *The report analyzes the developments following the meeting of G20 finance ministers and central bank governors in Asheville. The piece discusses the U.S. attempt to reorient the group's agenda amid geopolitical pressures related to Iran, domestic fiscal instability, and tariff disputes, highlighting Washington's offensive against China's trade surplus. It also examines the repercussions of the accreditation restrictions imposed on the press during the event, which are*

part of a broader context of tensions with the media and a lack of transparency in the forum's management.

Keywords: *G20; USA.*

A realização da reunião conjunta de ministros das finanças e governadores de bancos centrais do G20 em Asheville, na Carolina do Norte, marca a retomada de um ritmo mais acelerado nas deliberações do bloco. No domingo, dia 30 de agosto de 2026, desembarcaram na cidade o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, e o presidente do *Federal Reserve*, Kevin Warsh, com a meta de conduzir as sessões de trabalho programadas para segunda e terça-feira. A delegação norte-americana estruturou uma agenda focada na **desregulamentação, na ampliação da produção energética e no fomento ao setor privado como motor da produtividade**, buscando redirecionar o G20 ao seu formato original de fórum econômico de resposta a crises, nos moldes de 2008. Esse direcionamento estabelece uma ruptura deliberada com as prioridades dos ciclos precedentes, nos quais a África do Sul priorizou o combate à crise climática em 2025 e o Brasil liderou as discussões sobre a tributação internacional de grandes fortunas em 2024.

Figura 1: Scott Bessent, secretário do Tesouro, e Kevin Warsh, presidente do Federal Reserve, chegam a Asheville para reunião do G20



Fonte: Reuters/Melissa S. Gerrits, 2026.

O encontro também representa um teste de diplomacia para Bessent, uma vez que ocorre em meio a um quadro de severa instabilidade fiscal no cenário doméstico do país. Em agosto deste ano, a dívida pública dos Estados Unidos ultrapassou o patamar histórico de 40 trilhões de dólares, montante que representa o dobro do registrado em 2017 e alimenta desconfianças quanto à sustentabilidade das contas públicas. A volatilidade decorrente dessa trajetória tem levado o Tesouro a adotar medidas emergenciais e consideradas intervencionistas. Essa intervenção deliberada gerou forte repercussão negativa no meio financeiro, atraindo críticas contundentes de investidores de Wall Street.

No âmbito da segurança e da geopolítica, as discussões permanecem profundamente impactadas pelos efeitos econômicos da campanha militar conduzida em conjunto pelas forças

de Israel e dos Estados Unidos contra o Irã desde o final de fevereiro. A escalada das hostilidades, que provocou o fechamento do Estreito de Ormuz e impulsionou os preços globais de petróleo, energia e *commodities*, continua gerando reflexos negativos diretos sobre a atividade econômica de praticamente todas as nações do G20. Em resposta, **Bessent pretende utilizar as sessões plenárias e as reuniões bilaterais para apresentar um ultimato aos membros, advertindo que qualquer nação que mantenha laços econômicos residuais, adquira petróleo iraniano ou intermedeie transações com Teerã enfrentará sanções secundárias severas, arriscando seu acesso ao sistema financeiro baseado no dólar.** Demonstrando a aplicação prática dessas penalidades, o Tesouro restringiu recentemente as operações de uma instituição bancária egípcia com atuação nos Emirados Árabes Unidos. Contudo, analistas de política internacional apontam que essa tentativa de centralizar a agenda no Irã gera fortes resistências entre os aliados do G20, que não apoiam a condução do conflito e sofrem diretamente com as pressões inflacionárias decorrentes da guerra. Para Mark Sobel, ex-funcionário do Tesouro dos EUA que auxiliou na negociação de diversos comunicados do G20 em gestões anteriores, os ministros do bloco presentes na reunião "não vão se deixar levar por palavras tranquilizadoras" e "nenhuma diplomacia dos EUA pode mudar essas realidades".

Por outro lado, as fricções no campo comercial também têm dominado os bastidores do encontro, agravadas pelas barreiras unilaterais impostas por Washington e pela disputa tarifária persistente com o Canadá. Após a Suprema Corte dos Estados Unidos invalidar, em fevereiro, as tarifas aplicadas pelo governo Trump, sob o argumento de inadequação da lei de emergências nacionais, **o Executivo reconstruiu sua estrutura protecionista por meio de outros artifícios legais**. Em julho, foram aplicadas novas tarifas de 10% a 12,5% a sessenta economias mundiais, abrangendo a totalidade dos membros do G20 e da União Europeia, sob a justificativa de falhas na fiscalização e na aplicação de leis contra o trabalho forçado. Paralelamente, dezesseis dos principais parceiros comerciais norte-americanos enfrentam o risco de novas tarifas decorrentes de uma investigação formal do Tesouro sobre excesso de capacidade industrial no exterior. A esse respeito, conforme abordado no informe anterior, o Brasil pretende utilizar o encontro para dialogar e reverter as tarifas de importação recentemente aplicadas ao mercado brasileiro. Segundo o ministro da Fazenda, Dario Durigan, tais medidas carecem de fundamento e configuram uma interferência externa injustificável que prejudica o desempenho das exportações do agronegócio e da indústria nacional, além de colocar em risco os postos de trabalho no país.

Somado a isso, a questão do desequilíbrio comercial ganhou centralidade nas declarações de Scott Bessent à imprensa internacional no domingo de abertura do evento. Em entrevista à Reuters, o Secretário qualificou o superávit comercial anual chinês de 1,2 trilhão de dólares como insustentável para a economia internacional, reforçando que Pequim utiliza o escoamento maciço de suas exportações como válvula de escape para fragilidades de consumo doméstico, em um cenário no qual o Fundo Monetário Internacional (FMI) estima uma desvalorização artificial de 21% no yuan. Com a economia interna enfraquecida, a China acelerou as vendas externas em setores de alta tecnologia, como semicondutores e veículos elétricos, registrando um crescimento de 23,9% nas exportações globais em julho. Segundo a avaliação norte-americana, a imposição de tarifas elevadas e de proibições diretas a automóveis chineses nos Estados Unidos resultou no desvio desse fluxo excedente para a Europa e para a América Latina, ameaçando o setor automotivo europeu e impulsionando cobranças por medidas restritivas em Bruxelas. Diante dessa dinâmica, Bessent apelou formalmente para que os membros do G20 reavaliem, em conjunto, seus termos de comércio com Pequim, visando

pressionar o governo chinês a abandonar subsídios estatais e a promover reformas estruturais voltadas ao mercado interno. Na prática, contudo, esse pleito encontra limites evidentes, pois ao se depararem com as tarifas unilaterais norte-americanas, muitos parceiros têm optado justamente por consolidar e aprofundar seus fluxos comerciais com Pequim, a exemplo do posicionamento pragmático adotado pelo Brasil.

Por fim, o clima de tensão em torno do encontro em Asheville estendeu-se igualmente às relações institucionais com a imprensa e à cobertura do evento. O Departamento do Tesouro impôs restrições individuais no credenciamento de jornalistas veteranos de veículos de circulação internacional, negando o acesso a correspondentes especializados do *The New York Times*, do *The Wall Street Journal* e da *Bloomberg News*. Entre os profissionais impedidos de cobrir as reuniões esteve Alan Rappeport, jornalista do *The New York Times* que acompanha o Tesouro desde 2017 e conta com quase dez coberturas de Cúpulas do G7 e do G20. Embora o governo tenha concedido credenciais para aproximadamente trezentos comunicadores, incluindo outro profissional do próprio *The Times*, **a exclusão deliberada de repórteres experientes gerou fortes críticas à liberdade de imprensa e à transparência pública durante a gestão do bloco**. De fato, a transparência tem sido um problema persistente desde que os Estados Unidos assumiram a presidência do G20, o que se reflete na pouca cobertura dos eventos e na ausência de informações veiculadas, inclusive no site oficial.

Essa conduta insere-se em uma série contínua de pressões governamentais e regulatórias contra a mídia tradicional, evidenciada por manifestações públicas do presidente Donald Trump, como na defesa de sanções contra Kristen Welker, apresentadora do programa *Meet the Press* da NBC News. A insatisfação presidencial originou-se de análises jornalísticas veiculadas na emissora afiliada WRC-TV, de Washington, nas quais Welker destacou os resultados mistos obtidos pela Casa Branca nas eleições primárias, contrastando derrotas de pré-candidatos apoiados por Trump, como Mike Lindell em Minnesota e o deputado federal Randy Feenstra em Iowa, com vitórias isoladas, como a de Darline Graham na Carolina do Sul. Em resposta aos pedidos de denúncia à Comissão Federal de Comunicações, a diretoria da NBC News divulgou uma nota oficial reafirmando o total respaldo à jornalista pelo rigor técnico. Essas ações alinham-se à postura de órgãos federais sob a liderança de indicados como Brendan Carr na FCC, que se somam às exigências regulatórias do Pentágono que levaram ao desligamento de veículos que recusaram novos termos de credenciamento, pressões sobre a rede ABC em episódios prévios envolvendo o apresentador Jimmy Kimmel e publicações de Trump na sua rede *Truth Social* exigindo investigações federais sobre empresas e institutos de pesquisa eleitoral da oposição.

Referências

REUTERS. US-hosted G20 finance meeting to target growth, imbalances, Iran sanctions, Treasury says. Reuters, World, 2026. Disponível em: https://www.reuters.com/world/us-hosted-g20-finance-meeting-target-growth-imbalances-iran-sanctions-treasury-2026-08-28/. Acesso em: 31 ago. 2026.

REUTERS. G20 countries should consider more trade barriers with China to cut imbalances, US says. Reuters, World, 2026. Disponível em: https://www.reuters.com/world/china/g20-countries-should-consider-more-trade-barriers-with-china-cut-imbalances-2026-08-30/. Acesso em: 31 ago. 2026.

REUTERS. US Treasury's Bessent faces G20 diplomacy test amid tariffs, Iran war, bond turmoil. Reuters, World, 2026. Disponível em: https://www.reuters.com/world/china/us-treasurys-bessent-faces-g20-diplomacy-test-amid-tariffs-iran-war-bond-turmoil-2026-08-30/. Acesso em: 31 ago. 2026.

REUTERS. Bessent expects new US secondary sanctions weekly, aiming to increase pressure on Iran. Reuters, Business, Finance, 2026. Disponível em: https://www.reuters.com/business/finance/bessent-expects-new-us-secondary-sanctions-weekly-aiming-increase-pressure-iran-2026-08-30/. Acesso em: 31 ago. 2026

THE NEW YORK TIMES. Treasury Bars Some Reporters From G20 Finance Meeting. The New York Times, Business, 2026. Disponível em: https://www.nytimes.com/2026/08/29/business/reporters-denied-g20-meeting.html. Acesso em: 31 ago. 2026.

G7: o custo fiscal da guerra e novas fraturas internas

G7: el costo fiscal de la guerra y nuevas fracturas internas

G7: the fiscal cost of war and new internal fractures

Resumo: Durante a quinzena de 17 a 30 de agosto de 2026, o G7 registra poucas atividades coletivas, mas dois efeitos internos relevantes: a guerra com o Irã já elevou em US$ 16 bilhões o custo de financiamento da dívida soberana dos sete, com concentração nos Estados Unidos, e a ruptura das negociações comerciais entre Washington e Ottawa abriu um contencioso tarifário entre dois membros do grupo, com promessa canadense de retaliação equivalente.

Palavras-chave: G7; dívida soberana; guerra comercial.

Resumen: *Durante la quincena del 17 al 30 de agosto de 2026, el G7 registra poca actividad colectiva, pero dos efectos internos relevantes: la guerra con Irán ya elevó en US$ 16 mil millones el costo de financiamiento de la deuda soberana de los siete, con concentración en Estados Unidos, y la ruptura de las negociaciones comerciales entre Washington y Ottawa abrió un contencioso arancelario entre dos miembros del grupo, con promesa canadiense de represalia equivalente.*

Palabras clave: *G7; deuda soberana; guerra comercial.*

Abstract: *During the fortnight of August 17 to 30, 2026, the G7 records little collective activity but two significant internal effects: the war with Iran has already added US$ 16 billion to the seven countries' sovereign debt financing costs, concentrated in the United States, and the breakdown of trade negotiations between Washington and Ottawa has opened a tariff dispute between two members of the group, with Canada pledging dollar-for-dollar retaliation.*

Keywords: *G7; sovereign debt; trade war.*

A quinzena segue com poucos acontecimentos no âmbito do G7. Primeiramente, trazemos um levantamento do Financial Times que quantifica um efeito da guerra com o Irã que não aparece nas declarações do grupo: o encarecimento do endividamento soberano dos próprios membros. Segundo análise dos dados de emissão dos tesouros nacionais, **a alta dos rendimentos dos títulos públicos desde o início do conflito, em fevereiro, já travou US$ 16 bilhões em custos adicionais de financiamento para os países do G7**; mantida a trajetória atual das taxas, o acréscimo estimado chega a US$ 34 bilhões até o fim do primeiro trimestre de 2027. Praticamente todas as emissões de títulos públicos, em todos os prazos e em todos os sete países, negociam hoje a taxas superiores às de fevereiro (FINANCIAL TIMES, 2026).

A distribuição do custo é concentrada nos Estados Unidos, que respondem por cerca de US$ 10,6 bilhões do total já incorrido, resultado de serem a maior economia do grupo e o maior mercado de dívida soberana do mundo. Esse montante pode acumular outros US$ 21,7 bilhões se o patamar de juros persistir. Os demais membros somam pouco mais de um terço do aumento verificado até aqui. No caso norte-americano, a alta recente reflete preocupação dos investidores com a trajetória da dívida pública e com a capacidade de conter o surto inflacionário associado à guerra iniciada por Donald Trump. Reino Unido, Itália, Alemanha e Japão, grandes importadores de energia, são atingidos por outra via: a elevação das expectativas de inflação decorrente da crise de oferta energética provocada pelo fechamento do Estreito de Ormuz (FINANCIAL TIMES, 2026).

Há o entendimento de que a pressão sobre as taxas não se explica apenas pela guerra: gastos com defesa, envelhecimento populacional, infraestrutura e transição energética empurram os juros reais para cima, ao mesmo tempo em que o investimento associado à inteligência artificial disputa poupança com a dívida soberana — o que pode ser visto como a reprecificação de um mundo em que o capital é menos abundante. Além disso, os riscos de instabilidade política nos próprios membros do G7 integram o prêmio cobrado. Por isso, é provável que vejamos políticas populistas à medida que nos aproximamos das eleições de meio de mandato nos EUA e de várias eleições parlamentares na Europa. Ainda, há divergência quanto à gravidade da situação. Enquanto parte das avaliações trata o movimento como retorno às condições anteriores à década de 2010, outros analistas veem como ruptura estrutural (FINANCIAL TIMES, 2026).

Um outro acontecimento na quinzena se deu entre EUA e Canadá. Em 21 de agosto, o primeiro-ministro canadense Mark Carney anunciou a suspensão das negociações comerciais com os Estados Unidos, atribuindo a ruptura às alterações de última hora apresentadas pelos negociadores norte-americanos, que classificou como injustas, antieconômicas e capazes de pôr em dúvida a confiabilidade de qualquer acordo. Poucas horas depois, entraram em vigor novas tarifas norte-americanas incidentes sobre US$ 28 bilhões em bens canadenses, com estimativas preliminares de perda de até 90 mil postos de trabalho no Canadá (VAN RYTHOVEN, 2026).

Vale destacar que as novas medidas são diferentes do que Trump havia feito anteriormente. As medidas anteriores contra o Canadá atingiam o país como parte de um grupo maior, caso das tarifas globais sobre aço e alumínio, ou incidiam sobre contenciosos antigos, como o da madeira serrada. Agora, a tarifa de 50% rompe com esse formato, pois segundo o representante comercial norte-americano, Jamieson Greer, o objetivo era forçar o Canadá a suspender restrições provinciais à venda de bebidas alcoólicas e a eliminar tarifas sobre automóveis americanos. Às exigências somaram-se, na última hora, demandas que tocam a soberania: restrição a políticas de proteção da língua francesa (uma das mais antigas linhas de política comercial canadense) e poder de veto sobre com quem o Canadá pode comerciar (VAN RYTHOVEN, 2026).

A resposta política canadense inverteu uma posição de dezoito meses até então conciliatória que conseguiu, inclusive, suspender tarifas não setoriais em setembro passado, Ottawa passou a prometer retaliação equivalente, dólar por dólar; o que se mostra respaldado, já que 62% dos canadenses já apoiavam medidas de retaliação antes da escalada. A discussão extrapolou o comércio, com propostas de suspender contratos de defesa, incluindo a compra de caças F-35. Dentre as análises feitas, há quem trate a retaliação canadense como irrelevante diante do tamanho da economia americana, enquanto outros observam que os Estados Unidos

importam do vizinho bens sem substituto doméstico barato, como petróleo, madeira, eletricidade e alumínio, de modo que as tarifas se convertem em custo interno em ambiente já inflacionário. Contudo, os analistas observam que o Canadá não tem como vencer a disputa, mas pode calibrá-la para elevar seu custo político, inclusive concentrando medidas em estados com cadeiras republicanas vulneráveis às eleições de meio de mandato (VAN RYTHOVEN, 2026).

Referências

FINANCIAL TIMES. War-driven rise in bond yields adds $16bn to G7 borrowing costs. Londres, ago. 2026. Disponível em: https://www.ft.com/content/bbe90db5-64ac-441d-87e4-e984c5ef8629?syn-25a6b1a6=1. Acesso em: 30 ago. 2026.

VAN RYTHOVEN, Eric. Mark Carney's defiance: Canada shows the world how to respond to Donald Trump's threats. The Conversation, 26 ago. 2026. Disponível em: https://theconversation.com/mark-carneys-defiance-canada-shows-the-world-how-to-respond-to-donald-trumps-threats-289690. Acesso em: 30 ago. 2026.

OCDE atualiza dados sobre o segundo trimestre da economia internacional de 2026

La OCDE actualiza los datos sobre el segundo trimestre de la economía internacional de 2026

OECD Updates Data on the Second Quarter of the Global Economy in 2026

Resumo: Os destaques da OCDE se dividem entre a atualização de dois de seus índices estatísticos econômicos mundiais referentes ao segundo trimestre de 2026 e a promoção de três estudos com temas relacionados ao desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: OCDE; cooperação internacional.

Resumen: *Los aspectos más destacados de la OCDE se dividen entre la actualización de dos de sus índices estadísticos económicos mundiales correspondientes al segundo trimestre de 2026 y la promoción de tres estudios sobre temas relacionados con el desarrollo sostenible.*

Palabras clave*: OCDE; cooperación internacional.*

Abstract: *The OECD's highlights include the release of updated versions of two of its global economic statistical indices for the second quarter of 2026 and the publication of three studies on topics related to sustainable development.*

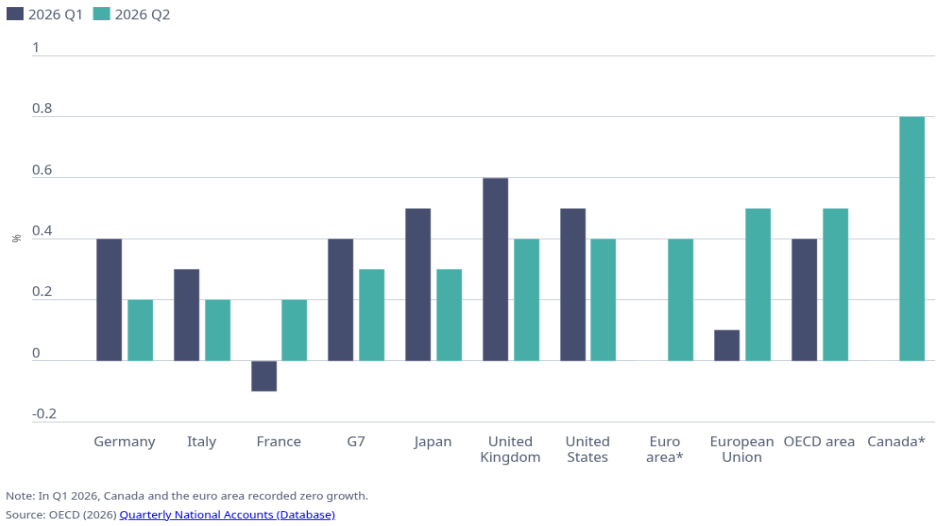
Keywords: *OECD; international cooperation.*

Durante a segunda quinzena do mês de agosto de 2026, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) promoveu a atualização de dois de seus tradicionais mapeamentos de dados econômicos e análises estatísticas periódicas relativas à economia mundial, sendo eles os seguintes: a análise sobre o produto interno bruto trimestral da própria OCDE o acompanhamento sobre o comércio de mercadorias e serviços do G20.

No que se refere ao primeiro índice econômico, os resultados dos dados coletados pelo fórum internacional indicam que o produto interno bruto (PIB) do mesmo registrou um crescimento de 0,5% no segundo trimestre de 2026, ante 0,4% observados nos três meses anteriores, segundo estimativas preliminares. Tal marca reflete um cenário heterogêneo entre os 30 países participantes da entidade para os quais havia dados disponíveis, onde 27 apresentaram crescimento no período, enquanto os outros 3 restantes não sofreram variação no crescimento interno.

Entre as economias do G7, o crescimento desacelerou para 0,3% no segundo trimestre, ante 0,4% no primeiro, reverberando um ritmo mais fraco nas economias da Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos. No ponto de vista da OCDE, a desaceleração japonesa é reflexo principalmente da estagnação do consumo privado, a redução de estados e a queda nos investimentos, ao passo que, no cenário britânico, o consumo privado mais fraco e a redução do consumo público pesaram sobre a atividade econômica. Nos Estados Unidos, o crescimento mais lento refletiu sobretudo um avanço menor das exportações, redução de estoques e queda no consumo público. Em contraste, o crescimento canadense acelerou de 0,0% no primeiro trimestre para 0,8% no segundo e o PIB francês voltou a crescer em 0,2% após uma contração de 0,1% no primeiro trimestre.

Figura 2: Produto interno bruto (variação trimestral em relação ao trimestre anterior) – Variação percentual em relação ao trimestre anterior, dados ajustados sazonalmente



Fonte: OCDE, 2026.

Entre outros países da OCDE, a Irlanda obteve a maior alta trimestral do PIB, de 3,9%, seguida por Israel, com 3,6%. O PIB se manteve estável nas economias austríaca, belga e chilena.

Em uma comparação anual, a alta do PIB da OCDE acelerou para 2,3% no segundo trimestre, ante 1,7% no primeiro trimestre de 2026. Entre as economias do G7, os Estados Unidos da América alcançaram o maior crescimento, de 2,1%, enquanto o Japão registrou o menor, de 0,5%.

Em paralelo, outro índice estatístico atualizado na quinzena foi o *"G20 International Trade"*, iniciativa especializada no monitoramento de dados e tendências do comércio de bens e serviços do grupo econômico G20, referente à performance do segundo trimestre de 2026.

De acordo com as estimativas preliminares observadas pela OCDE, o comércio de mercadorias do G20 acelerou em comparação ao primeiro trimestre do ano. As importações de mercadorias obtiveram crescimento acentuado em relação ao trimestre anterior, elevando-se para 6,7% após os 5,2% observados nos três meses anteriores, com essa evolução das importações refletindo os aumentos expressivos em diversas economias do G20. Já o desempenho das exportações manteve um ritmo de crescimento próximo dos 5,9%, indicando uma certa estabilidade global em tal modalidade de comércio.

Quanto ao comércio de serviços do G20, as estimativas preliminares do estudo indicam uma aceleração no segundo trimestre, com as exportações crescendo 3,4% e as importações 2,5%, em comparação com 2,0% e 1,5%, respectivamente, no primeiro trimestre de 2026.

Por fim, no que tange de destaque dentre o fluxo de adições recentes no rico acervo de documentos publicados e promovidos pela e entidade intergovernamental em seu portal eletrônico, são salientados aqui três estudos que abordam em seu conteúdo questões sobre desenvolvimento sustentável.

Intitulado *"Improving Environmental and Climate Outcomes in Agri-food Projects: A Guide for Development Practitioners"*, o primeiro documento a ser ressaltado neste texto se preocupa em oferecer aos profissionais da área de desenvolvimento ferramentas práticas para incorporar a adaptação e a mitigação climática à concepção de projetos agroalimentares e para mensurar os resultados ambientais decorrentes. O material aborda a adaptação por meio de indicadores capazes de avaliar os efeitos sobre os principais capitais ambientais (biodiversidade, solo e água), mudanças nas práticas agrícolas e estratégias de resiliência de longo prazo. No que diz respeito à mitigação, o guia descreve indicadores para mensurar a pegada de carbono de um projeto e o potencial de sequestro de carbono, incluindo tecnologias facilitadoras e fatores socioeconômicos. O documento ainda destaca como os resultados dos projetos podem contribuir para os processos de formulação nacionais e internacionais, fortalecer a mobilização de financiamento climático e apoiar o fortalecimento da capacidade institucional.

Outro interessante destaque no período foi o relatório *"Mobilising Public and Private Finance for Biodiversity: Good Practices in Unlocking Capital for Nature"*, que se propõe a apresentar uma referência prática para formuladores de políticas, instituições finanças e profissionais da área de conservação que buscam mobilizar e ampliar o financiamento para a biodiversidade. Ele mapeia e avalia os principais instrumentos e mecanismos de financiamento para a biodiversidade, examinando seu uso atual e seu potencial para promover os objetivos de biodiversidade. O documento também explora como os diferentes instrumentos interagem e se complementam, além de como as abordagens da economia real e do setor financeiro podem contribuir para direcionar o capital para resultados relacionados à biodiversidade. Ademais, são analisadas as condições mais amplas que influenciam a escala e a eficácia do financiamento da biodiversidade, incluindo marcos normativos e regulatórios coerentes, dados e métricas robustos sobre biodiversidade e carteiras de projetos passíveis de investimento. Ao combinar uma avaliação detalhada das opções de financiamento com uma análise de seus fatores facilitadores, o documento traz recomendações práticas que podem ser colocadas em prática para fortalecer a concepção, a adoção e o impacto dos instrumentos e mecanismos de financiamento da biodiversidade.

O terceiro e último estudo aqui em evidência é o *"Density scenarios and urban expansion in Africa towards 2050"*. Baseando-se na metodologia presente no relatório *"Africa's*

Urbanisation Dynamics 2025: Planning for Urban Expansion", também publicado pela OCDE, o artigo desenvolve três cenários de densidade urbana para a avaliar como a dinâmica demográfica subjacente poderia resultar em trajetórias de densificação significativamente diferentes, com implicações espaciais associadas à expansão e à forma do tecido urbano. A análise dos autores então demonstra que a densidade não é simplesmente um resultado do crescimento populacional, mas também uma alavanca de planejamento estratégico que formuladores de políticas, planejadores urbanos e profissionais de ordenamento do território podem e devem utilizar para antecipar os efeitos do processo de rápida urbanização e orientar o desenvolvimento das cidades.

Ao abordar tanto a escala quanto a forma do crescimento urbano, o artigo contribui para debates sobre políticas liderados por instituições como a União Africana e refletidos na Declaração de Nairóbi do Segundo Fórum Urbano Africano, que reconhecem a urbanização e o planejamento com principais impulsionadores da transformação estrutural do continente africano.

Referências

OCDE. OECD GDP growth picks up slightly in the second quarter of 2026. OECD [Internet]. 2026 Aug 24 [cited 2026 Aug 28]. Available from: https://www.oecd.org/en/data/insights/statistical-releases/2026/08/gdp-growth-second-quarter-2026-oecd.html.

OCDE. G20 trade accelerated in Q2 2026, boosted primarily by merchandise imports and services trade. OECD [Internet]. 2026 Aug 28 [cited 2026 Aug 28]. Available from: https://www.oecd.org/en/data/insights/statistical-releases/2026/08/international-trade-statistics-trends-in-second-quarter-2026.html.

OECD. Improving Environmental and Climate Outcomes in Agri-food Projects: A Guide for Development Practitioners. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Aug 28]. Available from: https://doi.org/10.1787/a4e26a65-en.

OECD. Mobilising Public and Private Finance for Biodiversity: Good Practices in Unlocking Capital for Nature. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Aug 28]. Available from: https://doi.org/10.1787/e2b996a1-en

Emeterio JLS, Fadda M, Gazel H, Schlimmer S, Moriconi-Ebrard F. Density scenarios and urban expansion in Africa towards 2050. West African Papers [Internet]. Paris: OECD Publishing, 2026 [cited 2026 Aug 28];55. Available from: https://doi.org/10.1787/1dddc920-en.